

“Pra Debaixo da Asa”

Relações entre o Processo Migratório e a estruturação de Redes Sociais

Tiago Augusto da Cunha

Doutorando em Demografia
ta_cunha@yahoo.com.br
Núcleo de Estudos de População (NEPO)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH)
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Resumo

É mais do que sabido a importância das redes sociais para com o processo migratório. Os estudos sobre o assunto se bifurcam essencialmente em duas vertentes; a primeira mais preocupada em discorrer sobre a orientação e direcionamento dos fluxos populacionais, oriundos de determinadas áreas (e não outras) e destinados a específicas regiões (e não outras). A segunda vertente foca essencialmente o papel das redes sociais no processo de integração de indivíduos e grupos ao destino, haja vista que elas diminuem consideravelmente os riscos inerentes à migração. Contudo, para além desta certa causalidade, onde redes sociais “influenciam” a migração, esta última [migração] pode, *vis-a-vis*, também repercutir no processo de estruturação das redes sociais? Ou seja, as consecutivas mudanças podem ter impacto sobre a quantidade de contatos e, quiçá, na efetividade dos mesmos? É sobre este outro olhar que o presente artigo será construído, se embasando, para tanto, em uma pesquisa domiciliar amostral relativa ao projeto temático Fapesp e intitulada “Dinâmica intrametropolitana e vulnerabilidade sócio-demográfica nas metrópoles do interior paulista: Campinas e Santos” (realizada em 2007), uma vez que dados acerca do tema são inexistentes nas usuais fontes secundárias. Os dados aqui utilizados não permitem afirmações absolutas a respeito da estrutura da rede (não permitem seu mapeamento ou, de modo geral, representação), mas dão indícios da forma como ela é e foi formada a partir da descrição de uma das suas dimensões mais essenciais, no caso, seu componente formal; em outras palavras, seus recursos.

Palavras-chave: redes sociais; migração; vulnerabilidade social; vulnerabilidade relacional; linking; bridging

1. Breve Introdução

Ao problematizar uma visão tida como “economicista” e por demais geral acerca do processo migratório, ou seja, sobre a clássica explicação teórico-conceitual sobre condicionantes macro estruturais entre áreas de origem e destino (SINGER, 1980), diversos autores (FUSCO; 2002; 2007, SOARES; 2002, FAZITO, 2009) asseveram que há muitos mais “entre o céu e a terra” do que pode-se imaginar. Em outras palavras, há um corolário de outros aportes teóricos que dariam conta de explicar os motivos de um nível intermédio de análise do fenômeno que escapam aos olhos daqueles que se atêm tão somente as explicações mais gerais sobre o mesmo. Neste contexto [de contestação da grande teoria], a noção de redes sociais emerge como um interessante novo aporte ao se esforçar por relacionar o nível atomizado das decisões e motivações individuais e aquelas referentes ao grupo social (família, por exemplo) ou coletivo imediato do qual este indivíduo faz parte.

Suas principais e iniciais preocupações/objetivos podem, a grosso modo, ser divididas em duas grandes categorias: a) trabalhos preocupados em evidenciar a influência da rede social no direcionamento do fluxo populacional e b) numa espécie de desdobramento deste primeiro objetivo, hipóteses que sugerem que as redes sociais foram elementos centrais para o “sucesso” do processo de integração dos migrantes aos destinos.

Contudo, e o caminho inverso? Parte-se aqui do pressuposto que, *vis-a-vis*, a migração também reverbera no processo de estruturação, formação e composição da rede social do indivíduo e do seu grupo. É dizer, que a migração pode ser fundamental para a rede social do migrante em ambos aspectos: a) ao reforçar seus laços fortes, a partir de processos de recomposição e reagrupamento familiar (ou simplesmente menor distância física entre estes pares), garantindo a coesão do grupo e b) diversificando os contatos e os recursos da rede social, fator fundamental para a eficaz integração do migrante à região ao incrementar sua interação com outros e diferentes (em relação a ele) indivíduos e grupos.

A fim de se discorrer minimamente a respeito do tema, o presente estudo está estruturado em mais duas seções, afora esta breve introdução e as considerações finais. Cada uma delas com sub-seções mais pormenorizadas.

No item 2 são apresentados os primeiros indícios, diferentemente do que poderia se pressupor, de que a migração impactou “positivamente” a possibilidade de contar com

a ajuda e o suporte de alguns tipos de contatos e fontes, fossem eles laços fortes ou fracos. Ou seja, a migração foi um fator essencial para o efeito de “sobrevivência dos mais fortes” como apontado por Martine (1980).

Na seção 3, por sua vez, diversas variáveis: idade, sexo, estado civil (características demográficas do grupo populacional), são levadas em consideração, a fim de se retratar aqueles cuja mobilização da rede social, logo, possivelmente sua estrutura, foi mais influenciada pela migração (para “bem” ou para “mal”).

Afora este primeiro conjunto de características sociodemográficas, são abordadas ao menos duas outras variáveis que são aqui tomadas como representação, mais ou menos rudimentar, de duas dimensões do capital, no caso: a) o capital físico-financeiro - descrito a partir da variável renda e b) o capital humano - através da variável escolaridade. Isto pois, da mesma forma que características populacionais do grupo condicionam a mobilização de determinados contatos ao longo do tempo e do curso de vida dos indivíduos, supõe-se que a quantidade e qualidade de seus ativos estão relacionados ao “grau” de vulnerabilidade destes indivíduos e, novamente, a maior ou menor dependência em relação as suas redes de apoio.

Para tanto, os dados aqui utilizados são provenientes de uma pesquisa domiciliar amostral relativa ao projeto temático Fapesp e intitulada “Dinâmica intrametropolitana e vulnerabilidade sócio-demográfica nas metrópoles do interior paulista: Campinas e Santos” (realizada em 2007), uma vez que eles [dados] simplesmente inexistem nas usuais fontes secundárias.

2. Pra debaixo da asa

Primeiros indícios que migrar também ajuda (e muito)

A migração pode funcionar como uma “faca de dois gumes”, uma vez que ao mesmo tempo em que permite o desenvolvimento de uma série de contatos e vínculos, também pode surtir efeito oposto, ou seja, desestruturar (nem que momentaneamente) redes sociais, muitas vezes, minimamente consolidadas essencialmente nos locais de residência anterior, impactando severamente o presente do migrante no destino.

Portanto, é muito provável que a migração tenha certo e importante impacto sobre a quantidade e qualidade de capital social de que dispõem indivíduos e famílias, repercutindo, portanto, diretamente no grau de vulnerabilidade deles.

Contudo, por outro lado, a migração pode acarretar o desenvolvimento de uma nova série de contatos, proporcionado, muitas vezes, a diversificação dos mesmos, bem como dos recursos que eles [migrantes] podem mobilizar através de suas redes. Pode, portanto, aumentar e assim potencializar as relações estabelecidas entre os indivíduos integrantes desta rede social, situação esta propícia ao incremento do capital social, onde ele passa a mediá-las [relações] transformando-se em uma espécie de moeda de troca social.

Particularmente para migrantes a efetividade na utilização de uma rede social pode ser fundamental para sua integração (ou não) à região. Aqueles que já se encontram em uma situação de vulnerabilidade relacional podem se ver ainda em piores situações, haja vista que a probabilidade de participarem de redes sociais cada vez mais marginalizadas nos destinos é imensa ou, pelo contrário, se aproveitar da oportunidade para justamente deixar esta condição/situação de vulnerabilidade relacional e também social. Todavia, a forma da rede social é apenas um dos aspectos a serem levados em consideração, ou seja, ao abordá-la, abordamos tão somente a estrutura da qual os recursos, ajudas, informações, suportes, etc. são derivados; outro elemento a ser considerado é justamente o banco de favores que os migrantes possuem e disponibilizam, ou seja, justamente este estoque de recursos, ajudas, informações e suportes.

É de se esperar, portanto, que ao impactar a estrutura (a rede social do migrante) a quantidade e a qualidade de recursos também seja afetada, fosse ela relativa aos ditos “laços fortes” (ou os laços do tipo “*bounding*” – essenciais para a coesão do grupo, logo, da rede –, ou os laços do tipo “*linking/bridging*” – fundamentais para o processo de integração do migrante ao destino ao diversificar/“heterogeneizar” contatos e recursos). Em suma, é de se supor que a migração repercuta no capital social do migrante. Tal primeira afirmação não quer, contudo, dizer que a migração sempre impactará “negativamente” o montante de capital social que indivíduos e grupos possuem ou mobilizam (**TABELA 1**¹).

¹ Dados extraídos do quesito “D016 - Sua opinião sobre esta mudança de município do RD. As possibilidades de contar com ajuda de amigos” do dicionário de dados da pesquisa (DICIONÁRIO DE DADOS, NOVAS METRÓPOLES PAULISTAS: POPULAÇÃO, VULNERABILIDADE E SEGREGAÇÃO).

Tabela 1 – Possibilidade de contar com a ajuda de amigos ao se mudar para o município no qual reside atualmente segundo Condição Migratória – Responsáveis por Domicílios Urbanos – Região Metropolitana de Campinas, 2007

		Migrante	Ñ Migrante	Total
Acabaram ou diminuíram significativamente		2.6%	0.5%	2.2%
Aumentaram		51.8%	68.7%	55.5%
Ficaram do mesmo jeito		44.1%	29.7%	41.0%
Não sabe dizer		1.5%	1.1%	1.4%
	Exp.♦	200.390	56.320	256.710
Total	N.*	544	159	703
	%	100.0%	100.0%	100.0%

Fonte: Pesquisa Domiciliar do Projeto Vulnerabilidade (FAPESP/CNPq). NEPO/UNICAMP, 2007.

(♦) Missing – 399862 casos (Valores Expandidos).

(*) Missing – 1121 casos (Valores não Expandidos).

- o grifo é meu.

Ao contrário, surpreendentemente mais da metade dos migrantes (51,8%, mais precisamente) afirma que a mudança para o atual município de residência aumentou a possibilidade de contar com a ajuda de amigos.

Os motivos para tanto podem ser inúmeros. O primeiro deles seria a diminuição da distância física entre os já conhecidos pares. Ou seja, migra-se em direção a uma determinada localidade onde já há conhecidos/colegas/amigos, pois estes são entendidos como possíveis fontes de ajuda. Ao menos nestes casos os “clássicos” estudos sobre redes sociais e migração podem ser elucidativos, já que sugerem que a existência de contatos nas áreas de destino viabilizam a migração [para esta e não outra localidade] ao diminuir imensamente seus riscos inerentes (MASSEY et al.; 1987; 1990, BOYD; 1989). Trata-se, pois de uma perspectiva do processo migratório que se utiliza do aporte teórico das redes sociais para investigar características de composição do fluxo e seu direcionamento de determinadas localidades para outras específicas.

Todavia, há ainda um outro possível motivo relacionado ao incremento da ajuda proveniente de amigos e que não necessariamente nega este primeiro. A migração ao passo que pode diminuir a distância física entre alguns pares, também pode aumentá-la em relação a outros. É dizer, que a migração pode condicionar a maior utilização de alguma fonte particular de ajuda e suporte (no caso, os amigos) em detrimento a outra². Em outras palavras, a migração recalaria a mobilização de determinados contatos e não de outros. O interessante é notar que os ditos “laços fracos” continuam “saudáveis” e vigorosos após a migração, sendo ainda muito utilizados após a mesma, sugerindo, inclusive, que o capital social do migrante também se incrementa na

² Entretanto, os dados não permitem dizer se houve ou não ruptura(s) dos contatos preexistentes.

medida em que ele pode se apropriar dos recursos deste tipo de contato com mais facilidade e talvez frequência (criando, por conseguinte, expectativas de retribuições futuras).

Os dados, contudo, não permitem dizer se estes contatos já eram de fato preexistentes ou são novos contatos criados. Não permitem, portanto, aferir se houve rupturas ou construções de contatos na rede social do migrante. Uma vez que eles [dados] não permitem este tipo de detalhamento, não é possível dizer se o capital social que mais se incrementou foi aquele relacionado às vinculações do tipo “*bounding*” [união/cola – tradução livre] ou do tipo “*linking/bridging*” [conexão/ponte – tradução livre].

No entanto, há um outra forma (indireta e sugestiva) de se apurar através destes mesmos dados da pesquisa domiciliar a utilização, se não dos antigos contatos, dos novos, criados após a migração para o atual município de residência (**TABELA 2**³). Isto, pois necessariamente os vizinhos tratam-se de novas fontes de apoio, haja vista que ao se desvincular de um local de residência e se vincular a um novo, antigos vizinhos são “deixados” para trás (na origem) e novos são “obtidos” (quer se queira ou não) no destino.

Tabela 2 – Possibilidade de contar com a ajuda de vizinhos ao se mudar para o município no qual reside atualmente segundo Condição Migratória – Responsáveis por Domicílios Urbanos – Região Metropolitana de Campinas, 2007

	Migrante	Ñ Migrante	Total
Acabaram ou diminuíram significativamente	2.8%	1.1%	2.5%
Aumentaram	50.1%	63.5%	53.0%
Ficaram do mesmo jeito	44.8%	30.1%	41.6%
Não sabe dizer	2.3%	5.3%	2.9%
	Exp.♦	200.390	56.320
Total	N.*	544	159
	%	100.0%	100.0%

Fonte: Pesquisa Domiciliar do Projeto Vulnerabilidade (FAPESP/CNPq). NEPO/UNICAMP, 2007.

(♦) Missing – 399.862 casos (Valores Expandidos).

(*) Missing – 1.121 casos (Valores não Expandidos).

- o grifo é meu.

Os dados são inequívocos ao demonstrar que os efeitos deletérios da migração nas redes sociais – ao menos nos seus “laços fracos” – dos migrantes possuem pouco impacto, posto que somente aproximadamente 3% dos migrantes responsáveis por

³ Dados extraídos do quesito “D017 - Sua opinião sobre esta mudança de município do RD. As possibilidades de contar com ajuda de vizinhos” do dicionário de dados da pesquisa (DICIONÁRIO DE DADOS, NOVAS METRÓPOLES PAULISTAS: POPULAÇÃO, VULNERABILIDADE E SEGREGAÇÃO).

domicílios urbanos afirmaram que após a migração para o atual município de residência a possibilidade de contar com a ajuda de vizinhos de fato acabou ou diminuiu significativamente.

Por sua vez, é expressiva a parcela daqueles que atestam que a migração propiciou um incremento nas ajudas oriundas desta mesma fonte (metade dos entrevistados – 50,1%).

Pressupõe-se, portanto, que algo semelhante pode estar ocorrendo com o quesito “os amigos”, com repercussões diretas tanto no capital social, quanto em sua estrutura reprodutora, as redes sociais do migrante e do seu grupo. Ou seja, há, por um lado, a criação e construção de novos contatos, processo este que se refere à diversificação da rede social do migrante, tanto em termos quantitativos (números de contatos), quanto em termos qualitativos (tipos de contato e recursos disponibilizados por eles). A “qualidade”, ou melhor, os atributos, propriedades e características destes novos contatos (fossem eles amigos ou vizinhos), por sua vez, influenciam também tanto na quantidade, quanto a qualidade do capital social que nasce desta estrutura de contatos, ou seja, da própria rede social. É dizer, a diversificação e heterogeneidade dos contatos (entre si e em relação ao migrante – peça chave nesta estrutura) pode ser responsável pela diversificação e heterogeneidade dos recursos, informações, ajudas, suportes, etc..

Ao menos para os contatos estabelecidos com vizinhos, há, claramente, um incremento das relações e interações sociais do tipo “*linking/bridging*” e do capital social daí derivado. Entretanto, mesmo aqui os dados precisam ser ponderados. Assim, esta afirmação pode ter extrapolado as análises que os dados de fato proporcionam e permitem, ou seja, há indícios de que são as relações/interações do tipo “*linking/bridging*” as aqui mais centrais.

O justo seria dizer que os dados indicam para relações/interações sociais do tipo “*linking*”⁴, haja vista que a segregação social e espacial tão presente e estruturante do território metropolitano (CUNHA et alii.; 2006, CAIADO; PIRES; 2006) condicionaria o convívio entre aqueles mais ou menos semelhantes entre si. Mesmo quando há a ponte [ou seja, “*bridging*”] entre distintos indivíduos, grupos, logo, redes sociais, esta ponte pode não ser assim tão “extensa”. Por exemplo, é muito pouco provável que o aumento na possibilidade de contar com a ajuda de vizinhos se dê a partir da migração da empregada e da sua família em direção ao município e bairro de padrão

⁴ Simples conexão entre distintos grupos, mas que mantém características mais ou menos semelhantes entre si.

socioeconômico semelhante ao do seu padrão ou vice-versa, já que a segregação socioespacial de nossas cidades impede em grande medida este tipo de interação social.

Contudo, ainda assim é inegável o papel da migração na diversificação dos contatos/da rede social, dos recursos/do capital social do migrante.

Agora, se ela é tão fundamental na variação/diversificação dos “laços fracos” dos migrantes e dos recursos instrumentais e imateriais daí originados, qual o seu impacto nos ditos “laços fortes”, de uma forma grosseira, nos seus laços de parentesco, familiaridade e consangüinidade (**TABELA 3⁵**)?

Tabela 3 – Possibilidade de contar com a ajuda de vizinhos ao se mudar para o município no qual reside atualmente segundo Condição Migratória – Responsáveis por Domicílios Urbanos – Região Metropolitana de Campinas, 2007

		Migrante	Ñ Migrante	Total
Acabaram ou diminuíram significativamente		2.9%	.0%	2.3%
Aumentaram		58.4%	58.5%	58.4%
Ficaram do mesmo jeito		36.6%	29.1%	35.0%
Não sabe dizer		2.0%	12.3%	4.3%
Total	Exp. [♦]	200.389	56.320	256.709
	N. [*]	544	159	703
	%	100.0%	100.0%	100.0%

Fonte: Pesquisa Domiciliar do Projeto Vulnerabilidade (FAPESP/CNPq). NEPO/UNICAMP, 2007.

([♦]) Missing – 399.862 casos (Valores Expandidos).

(^{*}) Missing – 1.121 casos (Valores não Expandidos).

- o grifo é meu.

Assim, como nas duas primeiras tabelas deste texto, são aqui tomados em consideração apenas os responsáveis pelos domicílios urbanos da Região Metropolitana de Campinas (RMC). Este artifício de seleção tem como intuito minimizar a influência dos seus dependentes (crianças, jovens e idosos, essencialmente - intradomiciliares) nas respostas aos quesitos, já que, neste caso, eles poderiam superestimar a relevância das relações familiares como fontes de apoios diversos.

Espantosamente, o percentual de migrantes que passaram a contar com a ajuda provinda de parentes não é nenhum pouco desprezível (58,4%); pelo contrário, a ajuda disponibilizada por esta esfera de sociabilidade em muito sobrepuja aquela

⁵ Dados extraídos do quesito “D018 - Sua opinião sobre esta mudança de município do RD. As possibilidades de contar com ajuda ou solidariedade de parentes” do dicionário de dados da pesquisa (DICIONÁRIO DE DADOS, NOVAS METRÓPOLES PAULISTAS: POPULAÇÃO, VULNERABILIDADE E SEGREGAÇÃO)

oriunda dos amigos ou dos novos vizinhos. O advérbio, presente no início da frase - que demonstra surpresa - foi aqui utilizado, pois, ao menos em teoria, era de se supor que a migração possuísse um efeito corrosivo na rede social do migrante, ao menos, nos seus contatos familiares. Tal pressuposição deve-se ao fato que diferentemente do que ocorre com amigos e, principalmente, com vizinhos a construção e criação de novos contatos familiares não é necessariamente incentivada à medida que se migra de uma localidade para a outra, uma vez que o desenvolvimento de laços de filiação e consangüinidade seguem regras distintas e próprias em comparação ao convívio social embasado em relações de afinidade, amizade, coleguismo e vizinhança.

Contudo, não é isso o que os dados demonstram. É bem verdade, que eles não possibilitam afirmações e explicações absolutas e definitivas. Todavia, já que a parcela de migrantes cuja possibilidade de contar com a ajuda e solidariedade de parentes é semelhante a de não migrantes, a migração pode ter sido uma solução possível e viável para a diminuição da distância física entre parentes, objetivando uma maior efetividade nas trocas de recursos entre eles.

Ao passo que as duas primeiras tabelas demonstravam a relevância da migração no estabelecimento de contatos categorizados como “laços fracos”, logo, sua potencialidade como elemento dinamizador dos contatos do migrante, diversificando-os e, conseqüente-concomitantemente, “heterogeneizando” seus recursos, informações, ajudas e suportes; ela [migração] também impacta (e também de forma positiva) seus “laços fortes”. Ou seja, pelo menos até o momento, os dados ilustram “o melhor dos mundos”, haja vista que a migração pode fomentar tanto as relações/interações sociais do tipo “*linking/bridging*”, quanto aquelas do tipo “*bounding*”. Há, portanto, um processo *pari passu* de diversificação de contatos e recursos e coesão do grupo social do qual o migrante faz parte.

Entretanto, outros fatores podem ser essenciais para a completa compreensão do processo de composição/estruturação da rede social do migrante ao longo do tempo e, por que não, do espaço. Diferentes modalidades migratórias e tempos de residências podem dar indícios da forma como ela foi construída e dos seus principais tipos de relações/interações sociais compositivos.

3. Quem, porventura, podem ser os privilegiados da migração?

Para os quais foi solução

3.1. Modalidades Migratórias e Tempo de Residência

Ao longo do tempo – Através do espaço

Um primeiro exercício seria o de “dar forma e rosto” àqueles para os quais a migração possibilitou incrementar suas formas de ajuda, solidariedade e suporte (**TABELA 4**).

Tabela 4 – Possibilidade de contar com diversas fonte de ajuda segundo Modalidade Migratória – Responsáveis por Domicílios Urbanos – Região Metropolitana de Campinas, 2007

Aumento na Possibilidade de Contar com a Ajuda de:						
Modalidade Migratória	Amigos	Vizinhos	Parentes	Total		
				Exp.	N.	%
Intrametropolitanos	35.8%	31.9%	32.3%	50.440	126	100%
Externos	31.7%	31.1%	37.2%	270.718	765	100%
Não Migrante	15.2%	14.0%	12.9%	107.438	285	100%
Total	Exp.	142.511	136.105	149.980	428.596	
	N.	391	375	410	1176	

Fonte: Pesquisa Domiciliar do Projeto Vulnerabilidade (FAPESP/CNPq). NEPO/UNICAMP, 2007.

- o grifo é meu.

Há uma distribuição mais ou menos equitativa entre as distintas formas de ajuda segundo as diversas modalidades migratórias do migrante responsável pelo domicílio.

É interessante notar o fato que de todos os migrantes externos que relataram que a mudança para o atual município de residência aumentou a possibilidade de contar com a ajuda fosse de amigos, vizinhos ou parentes, aproximadamente 37% deles apontam especialmente para a possibilidade de contar com a ajuda de parentes, cifra este ligeiramente maior do que a apresentada pelos migrantes intrametropolitanos.

Tendo em vista que até muito recentemente as levas de migrantes da RMC eram compostas essencialmente por fluxos migratórios intra e inter estaduais e muito menos por fluxos populacionais intrametropolitanos, supõe-se que o aumento da possibilidade de contar com a ajuda de parentes e familiares deveu-se a um processo de recomposição e reagrupamento do grupo familiar. Para estes inicialmente a migração foi um elemento/processo de ruptura de um específico tipo de contato de suas redes sociais para, posteriormente, ser novamente através dela [migração] um elemento de reconstituição destes mesmos laços. Não é a toa, portanto, que a migração é vista pelos migrantes externos como o preferencial meio de ascender e mobilizar os recursos desta fonte, posto que a distância física se caracterizava como um importante impedimento/constrangimento para suas trocas.

A migração de longa distância ao reagrupar e recompor o grupo familiar pode ter sido responsável, mesmo que indiretamente, pela coesão do mesmo. Sem deixar de considerar que mesmo neste caso, a migração está também sendo responsável por diversificar os contatos dos migrantes externos, haja vista que é também expressivo o percentual deles que passaram a contar de forma mais efetiva com a ajuda de amigos e vizinhos.

Mesmo os dados não sendo suficientes para uma afirmação precisa a respeito dos impactos da migração na rede social do migrante, parece que as características inatas da modalidade migratória em questão são relevantes motivos/condicionantes do processo migratório, bem como da forma como os contatos são estabelecidos em seu acordo.

Os movimentos intrametropolitanos são muitas vezes caracterizados como redistributivos, onde a díade moradia (mercado fundiário e habitacional) e trabalho (mercado de trabalho e oportunidades de emprego) são centrais. Assim, a recomposição do grupo familiar não é tida como o eixo axial de se estar aqui ou acolá para eles [migrantes intrametropolitanos], diferentemente do que ocorre com os externos⁶. Até mesmo porque sua família possivelmente já se encontra distribuída no território metropolitano, território este com imensas facilidades de locomoção entre distintas e mesmo longínquas áreas. Ou seja, a distância física não é necessariamente um empecilho para as trocas de recursos e ajudas entre o migrante intrametropolitano e seus parentes. Muitas vezes a distância geográfica em relação aos seus familiares está atrelada a etapas específicas do curso de vida deste indivíduo, por exemplo, o casamento e constituição de um novo lar⁷.

Já que os contatos familiares do migrante intrametropolitano estão lá como um pano de fundo, mais ou menos sempre presentes, a migração para estes repercute sobre outras fontes de ajuda, particularmente sobre as embasadas em laços de amizade (35,8%) e vizinhança. Para eles a migração pode estar sendo responsável pela diversificação dos contatos/da rede social e dos recursos aí presentes.

⁶ Tal afirmação não quer dizer que os motivos dados aos intrametropolitanos simplesmente deixam de aí existir e condicionar a migração de longa distância. Ao contrário, as diferenças estruturais (SINGER, 1980) entre áreas de origem e destino foram, e talvez continuem sendo, um dos grandes condicionantes dos movimentos migratórios nacionais. Todavia, não há como se negar ou minimizar a relevância das motivações afeitas a esfera atomizada do indivíduo associadas a este primeiro e macro social motivo, dentre elas a recomposição familiar é seguramente uma das suas principais explicações. Fato que corrobora a importância das redes sociais para a migração.

⁷ Há um provérbio popular que ilustra muito bem este processo de saída da casa paterna e constituição de um novo domicílio e família: “quem casa, quer casa, longe da casa onde se casa”.

Todavia, tão importante quanto a modalidade do deslocamento é o tempo de residência na região (**TABELA 5**).

Tabela 5 – Possibilidade de contar com diversas fonte de ajuda segundo Tempo de Residência – Responsáveis por Domicílios Urbanos – Região Metropolitana de Campinas, 2007

Modalidade Migratória	Aumento na Possibilidade de Contar com a Ajuda de:			Total		
	Amigos	Vizinhos	Parentes	Exp.	N.	%
	Recentes (<10 anos)	32.5%	32.7%	34.7%	49.561	163
Longa Data (>10 anos)	32.3%	31.0%	36.8%	271.597	728	100%
Não Migrante	36.0%	33.3%	30.7%	107.438	285	100%
Total	Exp.	142.511	136.105	149.980	428.596	
	N.	391	375	410	1176	

Fonte: Pesquisa Domiciliar do Projeto Vulnerabilidade (FAPESP/CNPq). NEPO/UNICAMP, 2007.

- o grifo é meu.

Há pouca variação de acordo com o tempo de residência do migrante na região. Ainda assim, há uma sensível diferença (2% aproximadamente) entre migrantes recentes e os de longa data em relação a ajuda proveniente de parentes. Possivelmente isto se dê, pois os recentes, diferentemente dos antigos, ainda não tiveram tempo suficiente para recompor seus laços familiares pregressos no destino. Ou ainda, porque simplesmente não estabeleceram novos laços desta natureza, principalmente os de parentesco/filiação, através, por exemplo, de uniões do tipo casamento.

Em suma, a migração possui inequívocos impactos na composição da rede social do migrante de distintas formas de acordo com suas próprias especificidades e particularidades. Pode-se pensar em um primeiro momento em que a migração é responsável pela construção (até certo ponto forçada) de novos contatos especialmente os de amizade e vizinhança e, conseqüentemente, pela diversificação da rede social do migrante, logo, dos seus recursos, ao longo das possíveis etapas migratórias do indivíduo e do grupo na metrópole. Contudo, posteriormente (ou com o passar do tempo) a rede social do migrante tende a uma espécie de sedimentação, decorrida tanto – e talvez, principalmente – da sua fixação no território (tende a não migrar tanto assim, haja vista que possivelmente já adquiriu terreno ou casa própria), quanto a cristalização de determinados contatos, fossem eles amigos, vizinhos e/ou familiares. Não se trata mais de um processo de diversificação de contatos e recursos, mas talvez da efetividade destes. Trata-se muito mais de um processo de coesão da rede social do migrante. Isto, contudo, não quer dizer que o primeiro estágio responsável pela formação e diversificação da sua rede social não foi fundamental para o “sucesso/efetividade” dela atualmente.

3.2. Clássicas Variáveis Sociodemográficas

Vignolli (2006) e principalmente Cunha (2004) sugerem que a condição de ser ou estar vulnerável socialmente está associada ao perfil sociodemográfico da população, bem como de suas transformações ao longo do tempo.

Segundo Vignolli (2006) “[...] existem argumentos consistentes para sustentar que a instabilidade familiar, em particular as separações e divórcios geram, entre outras adversidades, bruscas oscilações nos ganhos domésticos, o que pode conduzir a uma reclassificação dos domicílios como pobres” (VIGNOLLI, 2006, p. 108).

O próprio autor frisa que tal constatação não deve conduzir a políticas improcedentes e/ou autoritárias, mas que são insumos relevantes para a redefinição dos indivíduos e famílias vulneráveis com repercussões óbvias em suas redes de apoio e suporte social.

Não é menos provável que da mesma forma que variáveis sociodemográficas são imprescindíveis na construção da noção de vulnerabilidade elas também o sejam na construção, composição e estruturação da rede social do migrante tanto ao longo das suas etapas migratórias, quanto ao longo da sua vida (curso de vida)/tempo (de residência, de vida, etc.), uma vez que ela [rede social] se modifica e transforma tanto quanto as características demográficas do indivíduo e do grupo. E, talvez mais importante do que as meras transformações mais do que claras da rede, são suas transformações de acordo com as transformações destas mesmas características demográficas.

3.2.1. Sexo

Possíveis diferenças de gênero

É possível que também ocorram distinções na forma como as redes sociais entre homens e mulheres são construídas, mas principalmente mobilizadas, haja vista as não triviais diferenças e assimetrias de gênero intrínsecas de suas relações/interações sociais.

Neste caso, a grande maioria dos responsáveis pelos domicílios urbanos da RMC são de homens (aproximadamente 75%), logo, uma bem inferior parcela é composta por mulheres (o restante – ¼ dos domicílios urbanos são por elas chefiados).

Dentro deste universo, aproximadamente 60% dos domicílios são chefiados por homens migrantes (independentemente da modalidade migratória ou do tempo de residência); a cifra é ligeiramente menor para os domicílios chefiados por mulheres (aproximadamente 57% deles estão sob a responsabilidade delas).

Não há diferenças ocasionadas pela migração de acordo com o sexo dos entrevistados (TABELA 6).

Tabela 6 – Possibilidade de contar com fontes de ajuda (amigos, vizinhos e parentes) segundo Condição Migratória e Sexo – Responsáveis por Domicílios Urbanos – Região Metropolitana de Campinas, 2007

		Não se aplica. Não sabe. Ficaram do mesmo jeito ou diminuíram	Aumentou a possibilidade de contar com alguma fonte (Amigos, Vizinhos ou Parentes)	Total	
Masculino	Migrante	66.4%	33.6%	100.0%	
	Ñ Migrante	84.3%	15.7%	100.0%	
	Exp.	355.975	130.048	486.023	
	Total	N.	1.000	356	1.356
		%	73.2%	26.8%	100.0%
Feminino	Migrante	66.4%	33.6%	100.0%	
	Ñ Migrante	79.6%	20.4%	100.0%	
	Exp.	122.235	48.312	170.547	
	Total	N.	337	131	468
		%	71.7%	28.3%	100.0%

Fonte: Pesquisa Domiciliar do Projeto Vulnerabilidade (FAPESP/CNPq). NEPO/UNICAMP, 2007.

- o grifo é meu.

Ou seja, tendo em vista o sexo dos responsáveis, não há grandes distinções que poderiam induzir o pesquisador a tomar a migração como um elemento que incrementou (ou o seu oposto, erodiu) a rede social das mulheres migrantes mais do que as [redes sociais] dos homens, ou vice-versa. Mesmo assim, tanto para homens, quanto para mulheres, praticamente 1/3 dos entrevistados afirmaram que após a migração a possibilidade de contar com a ajuda de amigos, vizinhos e/ou parentes foi potencializada.

Contudo, a similaridade dos dados apresentados entre homens e mulheres não significa necessariamente que a forma de apropriação e mobilização dos contatos de suas redes siga a mesma lógica de similaridade. Se é bem possível que a migração impactou de forma análoga a estruturação e formação de contatos de acordo com o

sexo dos responsáveis, a composição de suas redes pode ser completamente distinta. É dizer, os tipos de contatos gerados seguem lógicas próprias de cada sexo (**TABELA 7⁸**).

Tabela 7 – Primeira fonte de ajuda financeira segundo Condição Migratória e Sexo – Responsáveis por Domicílios Urbanos – Região Metropolitana de Campinas, 2007

		Fontes					Total
		parentes (residentes ou não)	vizinhos/amigos	Outras Fontes	não se aplica	nenhum/não recorre	
Masculino	Migrante	53.0%	2.5%	8.7%	2.8%	33.0%	100.0%
	Ñ Migrante	29.0%	1.1%	11.5%	10.8%	47.6%	100.0%
	Exp.	212966	9552	47519	28465	187523	486025
	Total N.	592	28	146	86	504	1356
	%	43.8%	2.0%	9.8%	5.9%	38.6%	100.0%
Feminino	Migrante	62.7%	.8%	9.4%	1.6%	25.5%	100.0%
	Ñ Migrante	36.2%	2.6%	13.2%	7.0%	41.0%	100.0%
	Exp.	88804	2625	18664	6356	54099	170548
	Total N.	237	9	49.0%	27	146	
	%	52.1%	1.5%	10.9%	3.7%	31.7%	100.0%

Fonte: Pesquisa Domiciliar do Projeto Vulnerabilidade (FAPESP/CNPq). NEPO/UNICAMP, 2007.

- o grifo é meu.

Há dois aspectos interessantes a serem discutidos a partir dos dados da tabela. O primeiro se refere as diferenças apresentadas entre migrantes de acordo com seus sexos e as diferenças entre migrantes e não migrantes.

A pequena diferença apresentada, independentemente do sexo, no modo como outras fontes são mobilizadas de acordo com a condição migratória do indivíduo sugere que os migrantes são, em muito, mais dependentes das ajudas, suportes e recursos provindos de suas redes sociais (particularmente, neste caso dos contatos familiares). Não é casual, portanto, que há significativa diferença na forma como os migrantes de um modo geral recorrem aos seus parentes quando precisam de ajuda financeira, haja vista que enquanto 53% deles recorrem a parentes, enquanto que apenas 29% dos não migrantes se utilizam da mesma fonte (uma expressiva diferença de 24%).

Obviamente, a migração não é a única causadora desta distinção. Tão importante quanto ela são as características gerais de cada grupo populacional (idade, sexo, estado civil, condição financeira, estágio do curso de vida, etc.). Ainda assim, é

⁸ Dados extraídos do quesito “E031 - A quem, ou à que, a Sra. ou sua família recorre quando precisa tomar dinheiro emprestado? - Primeira fonte” do dicionário de dados da pesquisa (DICIONÁRIO DE DADOS, Novas Metrôpoles Paulistas: população, vulnerabilidade e segregação).

inegável que para alguns as redes são mais vitais e essenciais para o processo de integração e para o sucesso deste do que para outros⁹.

Os mesmos atributos individuais, sociais e demográficos que diferenciam migrantes e não migrantes entre si são também possíveis condicionantes das diferenças apresentadas na forma de utilização de contatos da rede social entre homens e mulheres [migrantes]. Há que se notar a diferença de aproximadamente 10% entre eles quando a fonte de recursos materiais em questão são os parentes.

Granovetter (1973) assevera que os recursos materiais estão mais imbricadamente associados a determinados tipos de contatos e não outros; no caso, aos ditos “laços fortes”, ilustrados pelas relações/interações sociais embebidas em laços de consangüinidade, familiaridade, parentesco e filiação.

Não é a toa, portanto, que ao especificar um tipo de recurso material (dinheiro) os dados ressaltem a importância dos parentes, uma vez que – pelo menos teoricamente – as relações estabelecidas com eles são fortemente embasadas em ideários de confiança e reciprocidade, elementos importantíssimos para a troca de recursos desta natureza.

Todavia, a diferença entre homens e mulheres migrantes sugere que as redes sociais femininas são caracterizadas, talvez, por processos mais presentes de coesão intra grupo do que as masculinas. Tal fato, não significa que as redes femininas são mais restritas ou mesmo menos diversificadas e heterogêneas comparativamente as masculinas, simplesmente que podem ser mais circunscritas a uma esfera de sociabilidade quando se trata de uma específica forma de suporte e ajuda, fato que pode ser essencial para o seu processo de integração a região.

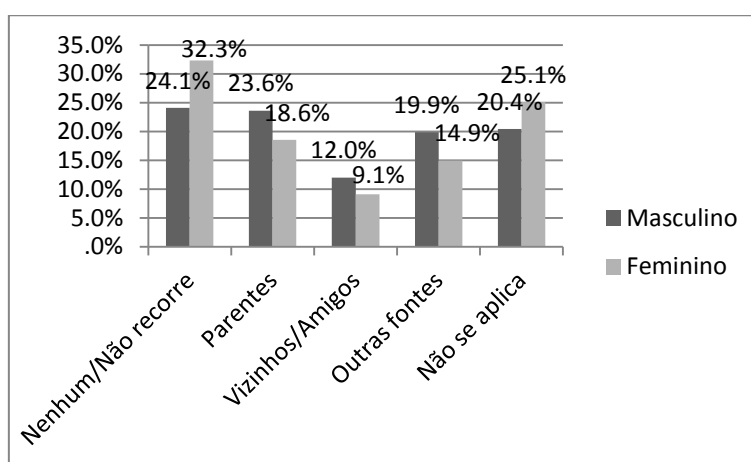
Cabe, ao mesmo tempo, ponderar que a circunscrição aos contatos parentais leva a uma maior dependência em relação a eles. Dessa forma e de modo simultâneo, no primeiro momento é bem verdade que a coesão traz consigo determinados benefícios as mulheres migrantes (por exemplo, efetividade no pedido – o recurso está mais a mão), entretanto, ela é também um indicativo que as chefes migrantes podem estar mais propensas aos diversos domínios da vulnerabilidade (social e relacional), uma vez que esta maior dependência pode significar que se encontram em piores

⁹ Frise-se neste caso que os não naturais também podem “migrar” (mudar de residência) interiormente ao limite administrativo municipal, mobilidade esta que também gera o seu próprio processo de integração (a nova residência, ao novo bairro, a uma possível alteração no padrão de convivência, etc.).

condições financeiras, ou ainda, não possuem tantas outras possíveis “saídas” e fontes de ajuda quanto os homens.

Afora os pormenores entre homens e mulheres na mobilização de suas redes sociais, os dados dão conta de corroborar a relevância dos “laços fortes” na disponibilização e circulação de recursos materiais principalmente tendo-se em vista os migrantes. Agora, segundo um outro tipo de recurso, no caso, imaterial, são ainda os parentes a sua principal fonte de apoio (**GRÁFICO 1¹⁰**)?

Gráfico 1 – Primeira fonte para obtenção de informações a respeito de oportunidades de emprego segundo Sexo – Responsáveis por Domicílios Urbanos – Migrantes – Região Metropolitana de Campinas, 2007



Fonte: Pesquisa Domiciliar do Projeto Vulnerabilidade (FAPESP/CNPq). NEPO/UNICAMP, 2007. Elaboração própria.

De fato sim, para os migrantes os parentes continuam a desempenhar um importante papel de provedores e, principalmente para os homens (23,6%). A análise dos dados dá mostras que eles, independentemente do tipo de recurso em questão, são os que mais se utilizam das suas redes sociais, enquanto, que as mulheres as mobilizam tendo em vista principalmente os recursos materiais, uma vez que a premência deles é mais imediata. Não é banal, portanto, que a recomposição familiar para eles foi um importante fator de apoio.

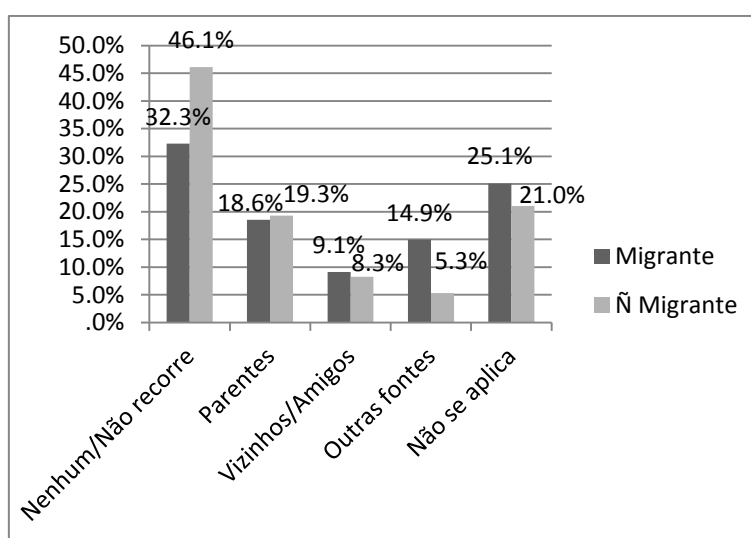
Ainda assim, vale frisar o aumento expressivo da participação dos vizinhos e amigos na distribuição destas informações, diferentemente do que ocorria quando se tratava a respeito dos recursos materiais, dando mostras de que há de fato associações entre o

¹⁰ Dados extraídos do quesito “E035 - A quem, ou à que, a Sra. ou sua família recorre quando precisa de ajuda/informações para conseguir trabalho? - Primeira fonte” do dicionário de dados da pesquisa (DICIONÁRIO DE DADOS, NOVAS METRÓPOLES PAULISTAS: POPULAÇÃO, VULNERABILIDADE E SEGREGAÇÃO).

tipo de laço, relação e interação social e o recurso por ele disponibilizado, reiterando, neste particular caso, a relevância dos “laços fracos” na fluência de recursos imateriais e instrumentais.

O **Gráfico 2**, por sua vez, desmistifica a restrição das redes sociais femininas. Ainda tomando-se em conta as informações a respeito de emprego, a comparação entre mulheres migrantes e não migrantes sugere interessantes considerações.

Gráfico 2 - Primeira fonte para obtenção de informações a respeito de oportunidades de emprego segundo Condição Migratória – Responsáveis por Domicílios Urbanos do sexo feminino – Região Metropolitana de Campinas, 2007



Fonte: Pesquisa Domiciliar do Projeto Vulnerabilidade (FAPESP/CNPq). NEPO/UNICAMP, 2007. Elaboração própria.

Um dos quesitos é particularmente instigante. Uma parcela digna de atenção das migrantes recorre a outras possíveis fontes para obter informações a respeito de emprego. Dentro desta categoria se enquadram sindicatos, igrejas, contatos políticos, etc. fato que atestaria a diversidade de contatos de suas redes sociais. Mas mesmo assim, aproximadamente 20% dos migrantes do sexo masculino também se utilizam de outras fontes contra os aproximadamente 15% das migrantes. Nesse sentido, os dados dão mostras que mesmo que ligeiramente as redes sociais dos migrantes são como um todo (amigos, vizinhos, parentes e outras fontes) mais heterogêneas do que as femininas.

Se não é válido, nem verificável afirmar que a migração condicionou de modo diferenciado a formação da rede social de homens e mulheres, não é menos verdade afirmar que elas são distintas e mobilizadas de formas distintas entre ambos os sexos.

3.2.2. Idade

Ao longo do tempo de cada um

Do mesmo modo como realizado na seção anterior, os dados foram aqui gerados levando-se em conta unicamente o responsável pelo domicílio. A partir deste artifício de seleção, alguns aspectos da influência da estrutura etária e efeitos de composição são minimizados, posto que as crianças e, de um modo geral, todos os dependentes do domicílio não são computados.

Como colocado por Oliveira (1982), o pressuposto por trás desse tipo de recorte é que a experiência deste indivíduo em particular (o chefe, fosse ele pai, mãe, homem, mulher, etc.) é determinante, quando não fundamental, para o entendimento do que ocorre com o grupo¹¹, ou seja, sua experiência condiciona e reverbera sobre a experiência e curso de vida de seus dependentes. Todavia, por este mesmo motivo tal pressuposto embasa-se em uma visão assimétrica dos papéis exercidos pelos integrantes do grupo (família, domicílio, etc.), já que o “eixo e direção seriam dados pela experiência de seus chefes” (OLIVEIRA, 1982).

Ainda assim, tal seleção se mostra relevante, já que do contrário é muito provável que as redes de suporte social dos ditos “dependentes” podem ser, também, muito “dependentes” dos responsáveis pelo domicílio, uma vez que possivelmente eles são os principais provedores de – ao menos – recursos materiais desta unidade.

Contudo, este recorte metodológico diminui drasticamente o número de integrantes da amostra; por este motivo os grupos etários foram reagrupados¹² de modo que as futuras desagregações segundo outras variáveis de interesse ainda mantivessem considerável confiabilidade estatística.

Os grupos etários são, portanto, quatro: a) jovens e adultos jovens (até 34 anos), b) adultos estabilizados A (35 a 49 anos), c) adultos estabilizados B (50 a 64 anos) e d) idosos (65 anos e mais).

¹¹ A delimitação do grupo dependerá da pesquisa que está sendo realizada, ou seja, dependerá do recorte dado. Assim o grupo pode ser tanto a família, como o domicílio, ou ainda, a unidade doméstica. Não entraremos aqui nessas delimitações, mesmo entendendo que as mesmas são essenciais para o aprofundamento das questões da pesquisa.

¹² Esta junção dos dados etários se mostrou especialmente válida para os mais jovens, uma vez que o número de jovens chefes ou responsáveis pelos domicílios com menos, por exemplo, de 20 anos era por demais pequeno.

Entretanto, talvez mais importante do que a definição dos grupos etários são os critérios para a sua definição. Parte-se do pressuposto que as redes sociais dos responsáveis pelo domicílio são distintas de acordo com suas idades, mas, principalmente, que sua formação também difere de acordo com o mesmo critério.

Assim, possivelmente chefes jovens e adultos jovens podem ainda se encontrar em uma fase de construção e formação de sua rede social. Talvez para eles, ao menos num primeiro momento, tão importante quanto a efetividade dos seus contatos é a quantidade dos mesmos. Pode se tratar de um período de “experimentação”, donde parte dos contatos será futuramente “filtrada”.

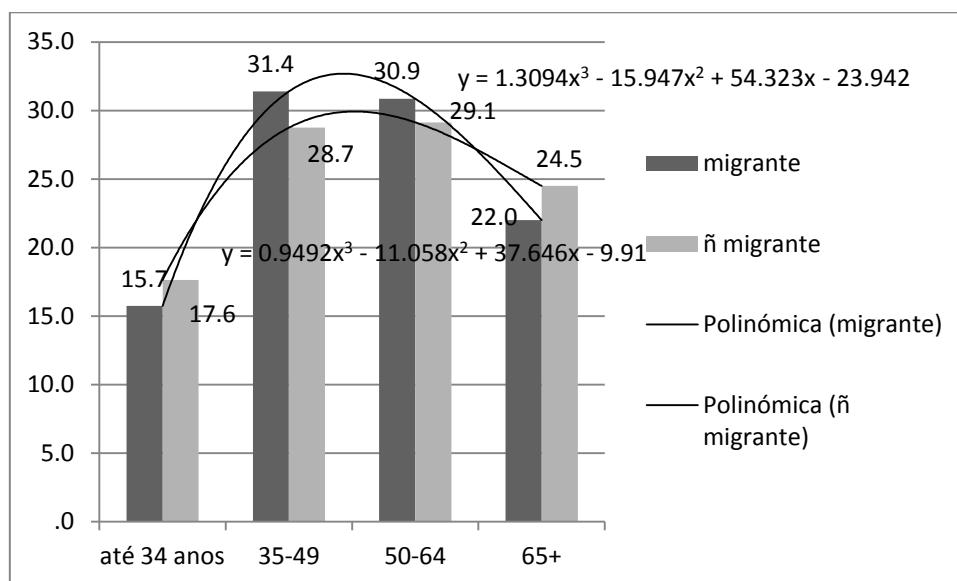
A lógica se inverte para os adultos ditos “estabilizados”. O termo estabilizado é aqui utilizado, pois possivelmente os adultos deste grupo etário pertencem a uma condição financeira mais favorável, uma vez que sua inserção no mercado de trabalho pode ser mais segura. Entretanto, não só neste aspecto físico/financeiro a estabilidade se mostra presente. Ela se expande para outras dimensões da vida do chefe do domicílio. Possivelmente, eles já são ou estão casados e só este fato garante que parte dos tipos de seus contatos, laços e vinculações já foram formados, no caso, aqueles de filiação/aliança. Para eles mais importante do que a quantidade de contatos pode ser a efetividade de alguns poucos.

Ademais, para Vignolli (2006), por exemplo, o envelhecimento populacional pode se desdobrar em uma situação de vulnerabilidade social, haja vista que “[...] as adversidades que o envelhecimento impõe são vinculadas **à perda de fontes de recursos (como o trabalho, as redes familiares e os contatos sociais)** e à deterioração física e mental em etapas posteriores da vida” (VIGNOLLI, 2006, p. 121 – o grifo é meu). Dessa forma, como sugerido pela literatura, a influência da estrutura etária na rede social dos idosos pode ser muito impactante (para o bem e para o mal).

Resta saber qual a estrutura etária da população sob análise. A imensa maioria dos chefes é de adultos estabilizados (aproximadamente 60%), metade do grupo A (30,4%) e a outra metade do grupo B (30,2%). O grupo de maior importância subsequente a este é o dos idosos, sendo 23% sua participação relativa em relação ao total de responsáveis. E, por fim, 16,5% dos chefes é de jovens e adultos jovens (até 34 anos de idade).

Os dados quando desagrupados entre migrantes e não migrantes seguem a mesma tendência do conjunto da população (**GRÁFICO 3**), não apresentando grande diferenças entre cada grupo de acordo com sua condição migratória.

Gráfico 3 – Distribuição etária segundo Condição Migratória - Responsáveis por Domicílios Urbanos – Região Metropolitana de Campinas, 2007



Fonte: Pesquisa Domiciliar do Projeto Vulnerabilidade (FAPESP/CNPq). NEPO/UNICAMP, 2007. Elaboração própria.

Talvez a única diferença é uma ligeira maior participação de jovens e idosos não migrantes em relação a população migrante dos mesmos grupos etários. Esta informação atesta que a população migrante é composta preponderantemente (e em proporção maior do que a não migrante) por indivíduos em idade economicamente ativa, informação esta condizente com a literatura a respeito do tema migratório, já que as oportunidades de trabalho e incremento de renda em áreas ou regiões economicamente efervescentes condicionaram a migração em direção a elas.

Ainda assim a migração pode ser entendida como um elemento que interfere no modo como a rede social dos indivíduos é mobilizada (**TABELA 8**)?

Tabela 8 – Primeira fonte de ajuda financeira segundo Idade e Condição Migratória – Responsáveis por Domicílios Urbanos – Região Metropolitana de Campinas, 2007

Condição Migratória	Grupo Etário	Fontes				Total	
		nenhum/não recorre	parentes (residentes ou não)	amigos/vizinhos/outras fontes	não se aplica		
Migrante	até 34 anos	21.1%	67.3%	10.1%	1.5%	100.0%	
	35-49	32.0%	51.0%	15.2%	1.7%	100.0%	
	50-64	31.4%	55.9%	9.6%	3.1%	100.0%	
	65+	36.5%	52.7%	7.4%	3.4%	100.0%	
		Exp.	124.969	222.995	44.065	9.956	401.985
	Total	N.	322	601	134	29	1.086
		%	31.1%	55.5%	11.0%	2.5%	100.0%
Ñ Migrante	até 34 anos	37.5%	45.7%	13.3%	3.6%	100.0%	
	35-49	43.9%	33.1%	15.2%	7.8%	100.0%	
	50-64	49.3%	23.4%	13.5%	13.9%	100.0%	
	65+	50.0%	26.9%	11.6%	11.6%	100.0%	
		Exp.	116.653	78.775	34.294	24.864	254.586
	Total	N.	328	228	98	84	738
		%	45.8%	30.9%	13.5%	9.8%	100.0%

Fonte: Pesquisa Domiciliar do Projeto Vulnerabilidade (FAPESP/CNPq). NEPO/UNICAMP, 2007.

- o grifo é meu.

Parece que sim. Basta atentarmos para as grandes diferenças apresentadas entre não migrantes e migrantes. Boa parte dos primeiros (45,8%) não recorrem a ninguém ou a nenhuma fonte, enquanto que praticamente 67% dos migrantes se utilizam de parentes, amigos, vizinhos ou ainda outras fontes para conseguir dinheiro emprestado. Afora a migração, os dados são inequívocos ao demonstrar uma maior ou menor dependência das redes sociais de acordo com a faixa etária do indivíduo. Elas, como já dito, são particularmente relevantes para os migrantes. Mas há também uma clara diferença entre jovens e adultos jovens do restante dos grupos etários. Estes são extremamente mais dependentes de seus laços fortes (independentemente da condição migratória) do que o restante dos chefes domiciliares.

Interessantemente é o grupo etário subsequente (35 a 49 anos) aquele que conta com fontes de apoio financeiro mais diversificadas até mesmo porque a participação dos parentes não se alterará nos demais grupos etários mais envelhecidos. Isto se deve muito provavelmente dada sua experiência de vida, donde os contatos de amigos, vizinhos e outras fontes (15,2% tanto para migrantes como para não migrantes) estabelecidos anteriormente ou a partir, por exemplo, da migração (para os migrantes) e da mobilidade residencial (para os não migrantes) representam parcela considerável das fontes de apoio e suporte.

Parece, contudo, que a utilização de amigos, vizinhos e outras fontes sofre uma inflexão aos 50 anos. A mobilização dos contatos familiares permanece mais ou menos constante até mesmo depois desta idade, mas há um considerável incremento

dos chefes que não recorrem mais a ninguém ou a nenhuma outra fonte. Provavelmente, é a partir deste momento que os responsáveis dos domicílios estão de fato mais estabilizados financeiramente, haja vista que conseguem certa autonomia em relação as suas redes sociais quando o assunto é ajuda financeira. Ainda assim, a família continuará a cumprir um importante papel, visto que sua participação não decaiu tão agudamente.

Os dados da **Tabela 9**, por sua vez, se referem as informações sobre oportunidades de emprego.

Tabela 9 – Primeira fonte para obtenção de informações a respeito de oportunidades de emprego segundo Sexo e Condição Migratória – Responsáveis por Domicílios Urbanos – Região Metropolitana de Campinas, 2007

Condição Migratória	Grupo Etário	Fontes				Total	
		nenhum/não recorre	parentes (residentes ou não)	vizinhos/amigos/outras fontes	não se aplica		
Migrante	até 34 anos	13.7%	22.9%	45.6%	17.7%	100.0%	
	35-49	21.0%	28.9%	35.3%	14.8%	100.0%	
	50-64	25.2%	25.7%	28.0%	21.1%	100.0%	
	65+	43.9%	7.7%	13.6%	34.8%	100.0%	
		Exp.	105.236	89.769	120.131	86.850	401.986
	Total	N.	280	254	334	218	1.086
		%	26.2%	22.3%	29.9%	21.6%	100.0%
Ñ Migrante	até 34 anos	33.3%	24.4%	28.5%	13.8%	100.0%	
	35-49	30.0%	26.5%	23.8%	19.8%	100.0%	
	50-64	41.5%	20.9%	13.7%	23.8%	100.0%	
	65+	48.4%	12.5%	7.0%	32.2%	100.0%	
		Exp.	97.829	53.651	44.664	58.441	254.585
	Total	N.	284	154	130	170	738
		%	38.4%	21.1%	17.5%	23.0%	100.0%

Fonte: Pesquisa Domiciliar do Projeto Vulnerabilidade (FAPESP/CNPq). NEPO/UNICAMP, 2007.

- o grifo é meu.

Idem ao ocorrido para a ajuda financeira, as redes continuam a cumprir para os migrantes um importante papel na distribuição dos mais diversos tipos de recursos e suportes. O mesmo se dá, portanto, com as informações a respeito de oportunidades de emprego. Todavia, ainda segundo este tipo particular de recurso, os contatos de amigos, vizinhos e outras fontes de um modo geral exercem, pela primeira vez, maior preponderância do que os contatos de parentesco e, principalmente, entre os jovens. Por certo, a migração foi uma peça chave na diversificação e heterogeneidade das redes sociais destes migrantes. Assim como é muito provável que seus impactos sobre a composição destas redes sociais são muito mais fortemente sentidos entre jovens do que entre o restante dos grupos etários. Possivelmente, porque eles se

vêm de uma hora para a outra “forçados” a construir novos contatos, logo, a incrementar suas possíveis fontes de recursos e sua rede social.

Nesse sentido, pode-se afirmar que suas redes sociais são mais diversificadas do que as dos não jovens, ainda que quando se trata de pedir ajuda financeira (dinheiro emprestado) a grande maioria deles prefere ainda contar com o suporte de parentes e familiares, possivelmente por eles serem, de fato, mais efetivos e estarem a mão. Na verdade, trata-se de um processo de diversificação de contatos e da rede social, mas que ainda se encontra conjugado a uma maior dependência em relação aos contatos familiares, haja vista que o indivíduo e o domicílio e/ou família sob sua responsabilidade ainda não conquistou certa independência financeira e relacional em relação ao grupo de origem do qual fazia parte.

3.2.3. Estado Civil

Ao longo de estados

Interessantemente algo de semelhante ao que ocorre com a variável idade se dá quando o estado civil é levado em consideração. E, até certo ponto, nada mais óbvio, uma vez que ele está muitas vezes grandemente associado à idade do indivíduo. Ou seja, há maiores chances de solteiros serem, na verdade, chefes domiciliares jovens; casados, possivelmente, já são mais maduros e viúvos, provavelmente, idosos (**GRÁFICO 4**).

O estado civil é aqui analisado, pois, por um lado, ele pode ser um primeiro indício da forma como as redes sociais são mobilizadas e, por outro, como elas são construídas de acordo com cada estágio. Ele pode reiterar a relevância de determinados tipos de vinculações, especialmente aquelas embasadas em laços fortes, na distribuição de recursos materiais ou nas mais variadas formas de suporte social. Mesmo porque o simples fato de se estar casado demonstra que, afora os laços de familiaridade herdados através da consangüinidade, outros laços de parentesco por filiação/aliança foram construídos com outros indivíduos e grupos, fato este que inexoravelmente está atrelado ao processo de formação e a composição final da rede social dos indivíduos (fossem eles migrantes ou não).

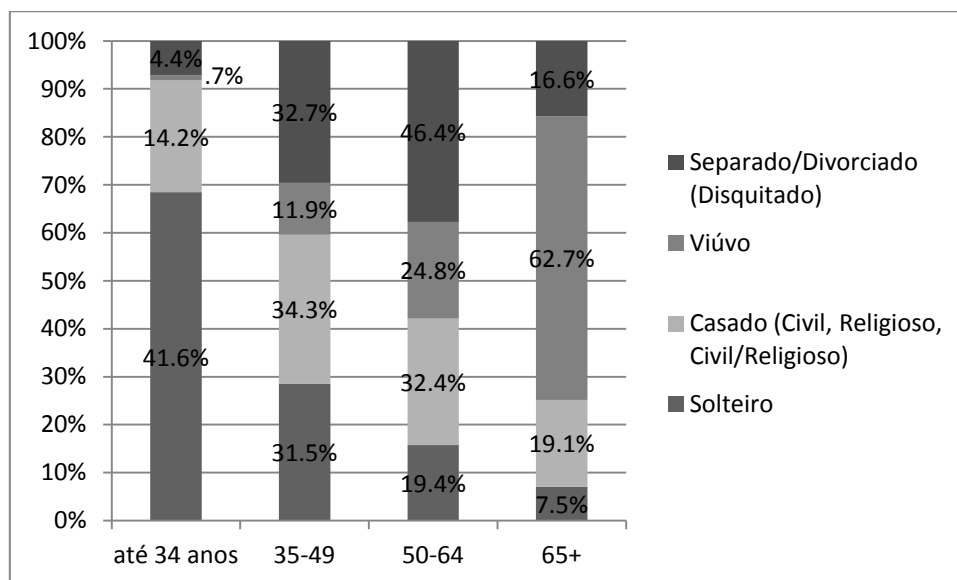
Para os separados a situação é um pouco mais complexa, haja vista que parte dos contatos, justamente aqueles de filiação/aliança, foi rompida. Contudo, esta não

parece ser uma verdade absoluta, uma vez que mesmo havendo a separação parte destes contatos ainda perdurará.

Todavia, como sugerido pela literatura (VIGNOLLI, 2006), a separação pode ter efeitos perversos principalmente para indivíduos detentores de algumas características, por exemplo, para as chefes domiciliares, visto que sua inserção no mercado de trabalho e sua remuneração neste ainda é muito desigual em relação aos homens. Ademais, há todo um corolário de questões de gênero que definitivamente impactam mais severamente as mulheres do que os homens, conduzindo-as muitas vezes a uma situação de maior vulnerabilidade social.

A dependência dos idosos de suas redes sociais familiares é também notória. Ainda assim, o notável aumento da expectativa de vida com qualidade tem possibilitado a esta população interagir socialmente de modo mais dinâmico e freqüente com semelhantes e com outros grupos sociais totalmente distintos em relação a eles (vide suas associações, os programas públicos, os incentivos públicos as viagens, etc.).

Gráfico 4 – Estados Cívicos segundo Grupos Etários - Responsáveis por Domicílios Urbanos – Região Metropolitana de Campinas, 2007



Fonte: Pesquisa Domiciliar do Projeto Vulnerabilidade (FAPESP/CNPq). NEPO/UNICAMP, 2007. Elaboração própria.

Os dados demonstram a intrínseca associação entre as duas variáveis: estado civil e idade dos responsáveis. Nota-se a progressiva diminuição da participação dos jovens ao longo dos grupos etários ao mesmo tempo que o progressivo incremento da

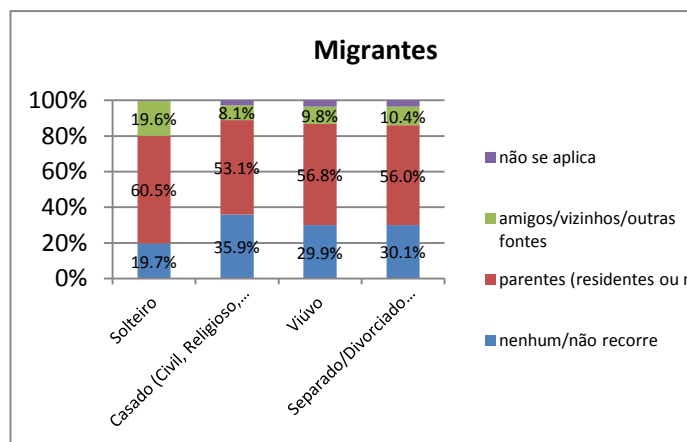
participação dos viúvos. Interessante é notar a concentração de separados nos grupos etários intermédios, com expressiva participação deles no grupo etário 50-64 anos.

Há que se considerar que a imensa maioria dos responsáveis homens é ou está casada (aproximadamente 74%) ou é solteira (18%), enquanto que boa parte das mulheres chefes é viúva (aproximadamente 47%), fato que deve ser levado em consideração no processo de análise e interpretação dos dados, pois nestes casos é grande a influência da estrutura etária e dos efeitos de composição em cada estado civil.

Ainda discorrendo sobre as chefes, aproximadamente 22% das mesmas é solteira. Mas já aqui há outra interessante distinção segundo o sexo do responsável, 23,5% das chefes mulheres é separada, enquanto somente 5% dos homens o são. Tal diferença indica grandes assimetrias de poderes intra domicílio e intra grupo, visto que para as mulheres se tornarem chefes elas precisam estar só: ou viúvas, ou separadas ou solteiras. Tal condição sugere que a composição das redes sociais de homens e mulheres é imensamente diferente entre si. Enquanto, um pode encontrar o recurso que precisa dentro do domicílio no qual reside, possivelmente a outra não o encontrará aí, posto que os demais integrantes do domicílio são seus dependentes, mesmo que continue a se utilizar de parentes para tanto.

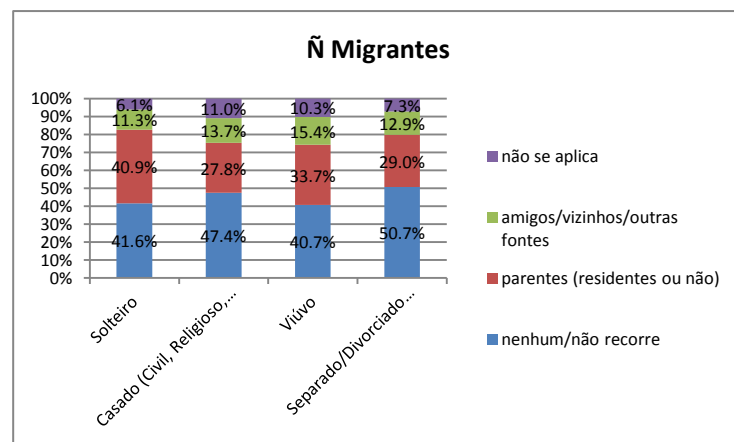
Já os **Gráficos 5 e 6**, apresentam dados que sugerem como as redes sociais são mobilizadas de acordo com a condição migratória e o estado civil em que se encontra o chefe do domicílio.

Gráfico 5 – Primeira fonte de ajuda financeira segundo Estado Civil e Condição Migratória – Responsáveis por Domicílios Urbanos Migrantes – Região Metropolitana de Campinas , 2007



Fonte: Pesquisa Domiciliar do Projeto Vulnerabilidade (FAPESP/CNPq). NEPO/UNICAMP, 2007. Elaboração própria.

Gráfico 6 – Primeira fonte de ajuda financeira segundo Estado Civil e Condição Migratória – Responsáveis por Domicílios Urbanos Não Migrantes – Região Metropolitana de Campinas, 2007



Fonte: Pesquisa Domiciliar do Projeto Vulnerabilidade (FAPESP/CNPq). NEPO/UNICAMP, 2007. Elaboração própria.

Idem aos demais dados apresentados anteriormente (em seções a respeito do sexo e da idade do responsável) e independentemente do estado civil em questão, as redes sociais cumprem um importantíssimo papel como fonte de ajuda e suporte material principalmente para os migrantes. É interessante notar a maior dependência dos solteiros (possivelmente mais jovens) em relação a elas, uma vez que aproximadamente 80% deles recorrem a algum tipo de contato fosse ele um laço forte ou fraco. Nos demais estados civis, a parcela daqueles que não recorre a ninguém ou a nenhuma fonte é muito superior comparativamente a dos solteiros.

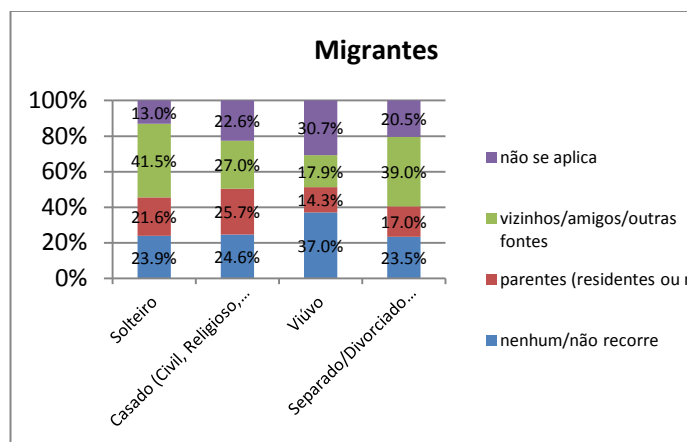
Algo de semelhante com os jovens ocorre, portanto, com os solteiros, afinal eles são de fato o principal grupo etário que compõe este estado civil. É dizer que ao mesmo tempo em que são muito dependentes da ajuda financeira proporcionada por parentes (residentes ou não), são eles também o grupo populacional que mais tece contatos com vizinhos e amigos, um dos possíveis motivos demográficos para tanto é a própria etapa do curso de vida (ou, a grosso modo, do ciclo vital) em que se encontram. Mas, também é possível que outros fatores culturais e sociais induzam os solteiros a apresentar maior predisposição a se relacionar/interagir com outros, semelhantes ou distintos, a ele do que os demais estados civis. Nesse sentido, sua rede social apresenta, de forma conjunta, aspectos que remetem a coesão do grupo (e sua relevância na mobilização e transmissão de recursos) *pari passu* com a diversificação

do mesmo a partir do estabelecimento de contatos embasados em processos do tipo “linking/bridging”.

Ao se analisar a situação dos casados, os dados demonstram que o suporte requerido é preferencialmente proveniente de contatos familiares. Fato que, por sua vez, pode indicar a própria composição de sua rede social, mas fortemente formada por laços fortes. É claro, que o tipo do recurso em questão, no caso, o material/financeiro, superestima a relevância das famílias, contudo, diferentemente dos solteiros a porcentagem de amigos e/ou vizinhos provedores de ajuda é ligeiramente menor, ou seja, de fato para os casados as redes familiares são mais importantes. Por certo, suas redes sociais tendem muito mais a coesão e a sedimentação dos contatos (entre parentes e familiares) do que a diversificação dos mesmos. Todavia, pode ser esta uma etapa/estágio subsequente a qual os solteiros pertencem, ou seja, sua rede não é necessariamente não diversificada, mas os contatos que a oxigenam já foram selecionados de acordo com sua efetividade. Em outras palavras, contatos com os quais os migrantes casados podem de fato estabelecer trocas recíprocas, ou seja, onde há um certo acúmulo de capital social.

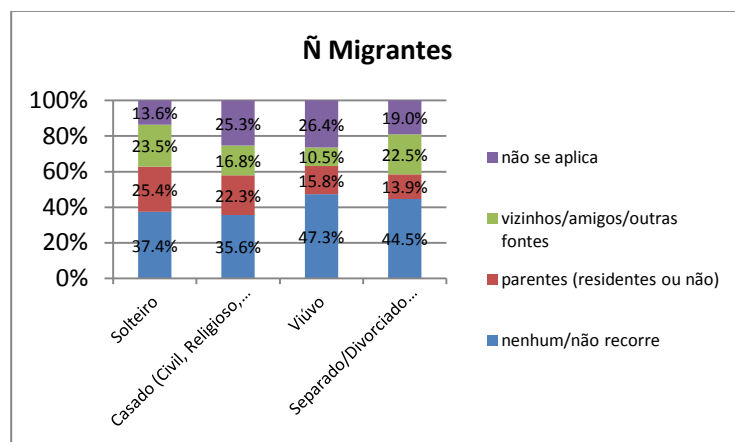
Os **Gráficos 7 e 8** reiteram a maior ou menor mobilização de determinados contatos e, possivelmente, a forma como os mesmos são construídos (ou rompidos) ao longo do tempo e das interações sociais associadas a cada um destes estados [civis].

Gráfico 7 – Primeira fonte para obtenção de informações a respeito de oportunidades de emprego segundo Estado Civil e Condição Migratória – Responsáveis por Domicílios Urbanos Migrantes – Região Metropolitana de Campinas, 2007



Fonte: Pesquisa Domiciliar do Projeto Vulnerabilidade (FAPESP/CNPq). NEPO/UNICAMP, 2007. Elaboração própria.

Gráfico 8 – Primeira fonte para obtenção de informações a respeito de oportunidades de emprego segundo Estado Civil e Condição Migratória – Responsáveis por Domicílios Urbanos Não Migrantes – Região Metropolitana de Campinas, 2007



Fonte: Pesquisa Domiciliar do Projeto Vulnerabilidade (FAPESP/CNPq). NEPO/UNICAMP, 2007. Elaboração própria.

Os dados ratificam as variações nas formas como os contatos são mobilizados de acordo com os estados civis dos indivíduos. Contudo, por se tratar de um recurso imaterial e instrumental, os laços fracos, ilustrados a partir dos contatos de amigos e vizinhos, preponderam em comparação aos contatos familiares tão importantes tendo-se em vista os recursos materiais.

E, esta relevância, se faz notar principalmente entre os migrantes, fato que se por um lado demonstra a importância das redes sociais para o seu processo de integração a região, indica, por outro, que elas são mais diversificadas do que as [redes] dos não migrantes, possivelmente pelos impactos inerentes da migração em sua estrutura; é dizer, do constante processo de ruptura e reconstrução de contatos dela característica.

Novamente são os responsáveis migrantes solteiros (possivelmente jovens), mas também os separados, aqueles cujos amigos e vizinhos são essenciais na distribuição e transmissão de informações a respeito de oportunidades de emprego, sendo que 41,5% dos primeiros e 39% dos segundos recorrem a esta particular fonte de recursos imateriais.

Assim, a diversificação dos contatos não está associada diretamente a idade, mesmo que seja inegável a sua importância, mas ao fato de se estar “só” e de ser o principal responsável pela tomada de decisões e o rumo dado a elas. Ou seja, o estar só – mas especialmente em idades menos avançadas (como contraponto, vide o caso dos viúvos) – e sua associação com a migração “força”, na verdade, possibilita/condiciona, o estabelecimento de contatos com outros fora do círculo familiar mais imediato, garantindo a heterogeneidade da rede social.

Os dados como até o momento tem sido apresentados, ou seja, de forma isolada através de uma análise univariada, já dão as primeiras mostras/indícios de que etapas ou estágios específicos do curso de vida dos indivíduos são essenciais para se compreender os mecanismos de construção e ruptura de contatos ao longo do tempo, mas também ao longo do espaço (migração e mobilidade residencial), das redes sociais pessoais tanto de migrantes, como dos não migrantes da RMC.

3.3. Os Diversos Capitais

3.3.1. Capital Humano

3.3.1.1. Escolaridade

Contudo, não só a migração está diretamente associada ao processo de estruturação e composição da rede social do migrante. Características individuais, coletivas e aspectos contextuais/situacionais são tão importantes quanto ela.

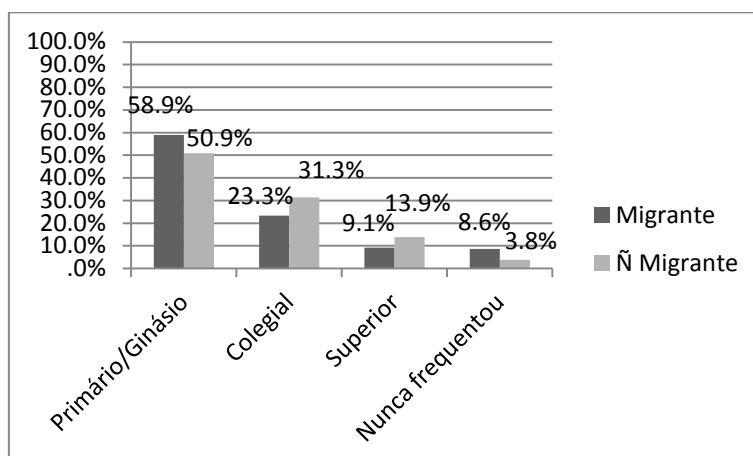
Gracia e Herrero (2002) ao abordar as possíveis variáveis operativas da noção de redes sociais tomam cuidado em categorizá-las de acordo com específicos níveis de análise, afeitos: a) ao indivíduo, b) ao grupo imediato a este (família, por exemplo) e c) a sociedade como um todo.

Todavia, ao presente estudo interessa observar como variáveis individuais podem estar correlacionadas a maior ou menor utilização da rede e de determinados contatos dela. Acredita-se que o capital humano é também um conceito central a fim de se compreender se a diversificação dos contatos proporcionada através da migração é de fato diversa e efetiva ou se ela, na verdade, conduz o migrante a uma espécie de vulnerabilidade relacional e social ao marginalizá-lo na sociedade de destino, haja vista que a ele aí é permitido participar tão somente de redes também marginalizadas.

Adota-se aqui a escolaridade do indivíduo como uma aproximação – mais ou menos crua e rudimentar – do conceito de capital humano. É bem verdade que sua construção poderia ser muito mais bem elaborada, contudo, não é este o principal objetivo do presente estudo. Bastando-nos discorrer sobre a forma como características individuais são também importantes para se entender como os migrantes se utilizam de seus contatos e, talvez principalmente, como eles os constroem.

Antes, porém, se faz necessária uma comparação preliminar entre migrantes e não migrantes de acordo com este particular atributo (**GRÁFICO 9**).

Gráfico 9 – Migrantes e Não Migrantes segundo Escolaridade – Responsáveis por Domicílios Urbanos – Região Metropolitana de Campinas, 2007



Fonte: Pesquisa Domiciliar do Projeto Vulnerabilidade (FAPESP/CNPq). NEPO/UNICAMP, 2007. Elaboração própria.
(*) 1824 casos (valores não expandidos), 656.571 (valores expandidos), 20 *missing* (valores não expandidos), 7.304 *missing* (valores expandidos).

Tendo em vista este critério é facilmente apreensível que os migrantes encontram-se em condições ligeiramente piores do que os não migrantes. Ou seja, ele leva ligeira desvantagem em relação aos não migrantes quando o assunto é capital humano.

Possivelmente a falta deste significa uma maior dependência em relação a fontes de apoio mais imediatas, acessíveis ou simplesmente “a mão” e de um modo geral a uma maior dependência das redes sociais. Para estes, a migração pode ter um impacto muito mais sensível na composição da rede e na forma de apropriá-la e/ou mobilizá-la (**TABELA 10**). Em contraposição, a presença dele confere certa autonomia em relação a utilização das redes de apoio e suporte, uma vez que trata-se de um indivíduo com alguma capacidade inerente de resposta e enfrentamento a diversos riscos, posto que possui o capital humano como ativo e, ao menos nesse caso, é muito provável que a escolaridade também repercute na sua condição financeira e econômica do indivíduo, conseqüentemente, do grupo, repercutindo em outra forma de capital: o físico/financeiro.

Tabela 10 – Possibilidade de contar com fontes de ajuda (amigos, vizinhos e parentes) segundo Condição Migratória e Escolaridade – Responsáveis por Domicílios Urbanos – Região Metropolitana de Campinas, 2007

		Não se aplica. Não sabe. Ficaram do mesmo jeito ou diminuíram	Aumentou a possibilidade de contar com alguma fonte (Amigos, Vizinhos ou Parentes)	Total
Migrante	Primário/Ginásio	62.8%	37.2%	100.0%
	Colegial	66.1%	33.9%	100.0%
	Superior	87.0%	13.0%	100.0%
	Nunca frequentou	71.4%	28.6%	100.0%
	Exp.	264.309	133.030	397.339
Total	N.	706	366	1072
	%	66.5%	33.5%	100.0%
	Primário/Ginásio	78.1%	21.9%	100.0%
Ñ Migrante	Colegial	85.0%	15.0%	100.0%
	Superior	92.8%	7.2%	100.0%
	Nunca frequentou	90.7%	9.3%	100.0%
	Exp.	208.647	43.282	251.930
	Total	N.	616	116
%		82.8%	17.2%	100.0%

Fonte: Pesquisa Domiciliar do Projeto Vulnerabilidade (FAPESP/CNPq). NEPO/UNICAMP, 2007.

- o grifo é meu.

Os dados demonstram que a migração foi uma “solução” para aqueles com baixa ou incipiente escolaridade. Para estes a ruptura por ela provocada foi responsável por incrementar a possibilidade de contar com a ajuda provinda de amigos, vizinhos e familiares, fosse porque proporcionou a recomposição familiar ou simplesmente porque novos contatos foram estabelecidos - independentemente do tipo do contato em questão. De uma forma ou de outra ela possui, inequívocos impactos na composição da rede social dos migrantes menos escolarizados.

Mas até mesmo para os “não migrantes”, compostos por responsáveis por domicílios que podem ter trocado de residência dentro dos limites administrativos do atual município onde vivem, esta mobilidade residencial foi vista como benéfica pelos menos escolarizados.

Há que se refletir, portanto, que a “[...] migração [...] é, essencialmente, uma opção com a qual contam os domicílios pobres para enfrentar situações potencialmente adversas, e foi, de fato, considerada uma das “respostas demográficas” perante choques externos, **independentemente dos dividendos provocados posteriormente**” (VIGNOLLI, 2006, p. 105 – o grifo é meu).

3.3.2. Capital Físico-Financeiro

3.3.2.1. Renda

Ao se abordar as distintas características sociodemográficas, bem como as distintas formas de capital (fosse ele humano ou, como o que aqui será tratado, o físico-financeiro), os dados dão mostras da forma como as redes sociais dos responsáveis pelos domicílios são mobilizadas. Isto, pois ao se debruçar sobre o recurso, indiretamente, discorre-se a respeito do componente formal da rede social e não necessariamente acerca da sua estrutura. Os dados aqui utilizados não dão conta de se retratar esta estrutura, mas sugerem como ela pode ser. A fim de se mapeá-la outros dados derivados de outras formas de *surveys* e questionários são necessários. Talvez, a tarefa pudesse ser minimamente realizada a partir do instrumental das Análises de Redes Sociais (ARS).

Todavia, do mesmo modo que o componente formal sugere grandes diferenças nas diversas formas de apropriação do recurso em questão (material ou não) disponibilizado por alguns tipos de contato (e não outros – laços fortes ou fracos); possivelmente estas mesmas diferenças estão associadas a também diferenças na estrutura das redes sociais dos responsáveis de acordo com suas características e atributos inerentes (que transmutam-se ao longo do tempo e do espaço). Em outras palavras, supõe-se que a estrutura de sua rede social difira segundo estas mesmas características e atributos. Mas não só, se as características do chefe levam a crer que há diferentes estruturas de redes sociais, os processos de formação e composição, leia-se construção e ruptura de contatos que conduziram a rede social pessoal do indivíduo a ser o que é hoje, estão possivelmente associados a estas características, ou seja, também se modificam ao longo do tempo e do espaço.

Assim, da mesma forma que o capital humano é essencial para se compreender a mobilização de contatos, o é também o capital físico-financeiro, já que ele pode ser mais um dos fatores que levam a maior independência (ou o seu oposto, dependência) em relação às redes sociais.

A fim de se evitar qualquer arbitrariedade na escolha daqueles que poderiam se encaixar na definição de pobres e não pobres a partir de critérios individualistas e pessoais, estas duas categorias são aqui definidas a partir da linha da pobreza de Rocha (2003).

Nesse sentido, pode-se dizer que os pobres são em sua maioria chefes homens (77,2%), com idade entre 35 e 49 anos (42,3%) (efeitos de coortes precedentes já empobrecidas), casados (55%) e minimamente escolarizados (61% deles concluiu apenas o primário e o ginásio). Seu oposto, os não pobres, são: também homens (aproximadamente 73%), com uma distribuição etária mais ou menos equitativa, mas concentrados principalmente no grupo etário entre 50 e 64 anos (aproximadamente 30%), ou seja, ligeiramente mais envelhecidos do que os pobres (fato que garantiria, por exemplo, certo acúmulo de riquezas e bens), também casados (57,1%, haja vista o grupo etário do qual fazem parte) e minimamente escolarizados (53,5% deles freqüentaram tão somente o primário e o ginásio). Contudo, segundo este último critério (escolaridade) aproximadamente 13% dos não pobres concluíram o ensino superior, contra 1% dos pobres. Ou seja, o capital humano impacta consideravelmente em qual lado da linha da pobreza o responsável pelo domicílio e possivelmente seus dependentes encontrar-se-ão.

Interessante é notar que 69% dos pobres são migrantes; entretanto, somente 28,4% dos migrantes são pobres, enquanto que apenas aproximadamente 18% dos não migrantes são pobres.

Não é casual, portanto, que de acordo com todas as variáveis discutidas ao longo deste estudo, os migrantes sempre apresentaram maior propensão a se utilizar de suas redes sociais mediante alguns tipos de contato (parentes/família, amigos e vizinhos) do que os não migrantes, posto que estes últimos por se encontrarem numa condição financeira melhor - comparativamente aos migrantes - podem se valer de outras fontes de recursos (financiamentos bancários, por exemplo) que não necessariamente remetem as suas redes sociais pessoais. É claro, que a própria condição de migrante conduz a maior dependência de certos contatos, mas, como todo processo de ruptura, possui também as suas potencialidades, como por exemplo, a diversificação dos mesmos.

As redes sociais para os migrantes são por demais relevantes dado ao menos três principais motivos: a) o direcionamento do fluxo migratório (56,5% tinham tomado conhecimento a respeito da região a partir das informações de parentes¹³), b) a diminuição dos custos, inclusive, financeiros do processo migratório (66,5%¹⁴ requerem ajuda financeira a algum tipo de contato da sua rede social – 55,5% a

¹³ Aproximadamente 58% quando analisados os migrantes pobres.

¹⁴ 80,6% dos migrantes pobres.

parentes e 11% a amigos e vizinhos¹⁵) e c) ao processo de integração a região (para 33,6%¹⁶ deles a migração aumentou a possibilidade de contar com algum contato – amigos, vizinhos e/ou parentes – de sua rede social).

O processo de integração as regiões de destino como definido por Lozares e Molina (2011) depende do sucesso da coesão intra grupo, demonstrada a partir da relevância dos laços fortes na distribuição de recursos materiais (**TABELA 7** – mas também por meio das diversas tabelas – **TABELA 8 e GRÁFICO 1** – que se referem a este recurso abordadas ao longo do estudo), bem como da diversificação dos contatos, logo, da heterogeneidade da rede social do migrante, haja vista que ela garantiria a fluência de recursos também diversificados. O estabelecimento de laços fracos a partir de interações e relações sociais com amigos e vizinhos pode ser tomada como *proxi* e ilustração da diversificação de contatos e, conseqüentemente, da rede social. E, interessantemente, são sempre os migrantes aqueles que mais se apropriam dos recursos destes contatos. Fato que leva a crer que a estrutura de suas redes sociais em termos de diversificação é diferente da dos não migrantes, sendo que os dados sugerem que elas são mais diversificadas do que a deles [não migrantes].

Os dados sugerem, nesse sentido, que a migração foi de fato um elemento “positivo”, uma vez que permitiu, ao mesmo tempo, a coesão do grupo – através, por exemplo, da recomposição familiar – e a diversificação da rede social do migrante. Contudo, há que se perguntar como foi esta inserção inicial na região?

Parcela significativa dos pobres veio para a região sem emprego (73,7%). Ademais, 55,2% deles quando aí chegaram foram residir em casas alugadas, fato que corrói ainda mais seus poucos recursos. Ou seja, os dados levam a crer que seu primeiro contato se deu em um momento de penúria e dificuldades, onde por certo as redes sociais, principalmente aquelas mais coesas, cumpriram um importante papel para sua eficaz integração¹⁷. A “sobrevivência dos mais fortes” (MARTINE, 1980) está diretamente ligada a mobilização das redes sociais por parte dos migrantes.

Todavia, boa parte dos migrantes não conseguiu “virar a mesa”, haja vista que seus pobres de hoje são provenientes de um grupo etário mais envelhecido (35 – 49

¹⁵ Ainda segundo migrantes pobres, 70,4% e 10,2% respectivamente. Ou seja, para eles a família é ainda mais importante.

¹⁶ Aproximadamente 43% dos migrantes pobres relatou que a migração possibilitou que a migração aumentou a possibilidade de contar com algum contato da rede social como fonte de ajuda.

¹⁷ 16,6% deles quando aportaram na RMC foram residir na casa de parentes, mais um indício dos mecanismos que fazem com que as redes sociais direcionem o fluxo populacional para determinados destinos e atuem diretamente no processo de integração do migrante à região.

anos)¹⁸, ou seja, não conseguiram deixar para trás este momento de penúria e dificuldade, ou melhor, ela [penúria] se transformou, mas não deixou de existir, mesmo contando com a ajudas e suportes de redes sociais.

Esta possível perenidade de uma condição de vulnerabilidade social (ou mais diretamente de pobreza) em um determinado patamar, mesmo com a diversificação de contatos e a possibilidade de contar com a ajuda deles propiciada pela migração, está relacionada com três distintas dimensões e níveis explicativos.

O primeiro se refere a falta de ativos individuais (capital humano e físico-financeiro, por exemplo) que poderiam ser entendidos como formas de enfrentamento às inúmeras adversidades e momentos de crise a serem vivenciados ao longo do curso de vida de um indivíduo (fosse ele migrante ou não).

O segundo elemento está associado a um aspecto macro social e estrutural, donde a atuação mais ou menos presente do Estado como formulador e indutor de políticas sociais públicas inclusivas é fundamental; sua retração ou simplesmente omissão são fortes condicionantes dos possíveis “por quês” grandes contingentes populacionais persistem marginalizados, segregados, excluídos, pobres, vulneráveis, etc..

E, por fim, a condição de vulnerabilidade social nasce também de uma condição de vulnerabilidade relacional (e vice-versa). A migração mesmo garantindo a efetividade das interações sociais do tipo “*bounding*” (intra grupo, ou seja, da coesão do mesmo) através dos seus laços fortes e a diversificação da rede social, dos seus contatos e recursos através de uma maior mobilização e utilização dos seus laços fracos, não garante necessariamente que haverá “*linking*”, ou seja, conexão vertical entre dois grupos com características totalmente distintas entre si, mas talvez unicamente “*bridging*”, interação horizontal entre dois grupos distintos, mas com características semelhantes entre si.

Portanto, a migração não rompe necessariamente com a vulnerabilidade relacional e, concomitantemente, social de indivíduos e grupos, não tanto por não criar contatos e contatos minimamente heterogêneos entre si. É dizer, que a migração não conduz a uma condição de vulnerabilidade relacional, pois restringe quantitativamente a rede social do migrante. Na verdade, o que ocorre é o seu oposto, ele [migrante] passa a contar com uma rede social a cada mudança no interior da metrópole mais vasta em termos quantitativos. Mas, a migração não garante que os novos contatos tecidos não

¹⁸ A migração foi, em muitos aspectos, uma solução às adversidades na origem, mas não significou uma mobilidade social ascendente. A condição melhorou, mas continuam sendo pobres.

serão provenientes de redes sociais tão ou mais marginalizadas, segregadas, apartadas, vulneráveis, etc. do que aquelas de onde os migrantes são oriundos/integrantes. Trata-se de uma vulnerabilidade relacional em termos qualitativos.

Em suma, pode-se dizer que o impacto “positivo” da migração na rede social do migrante é limitado/restrito¹⁹, pois não necessariamente rompe com o ciclo de reprodução da pobreza, nem garante uma mobilidade social ascendente (mesmo com a diversificação dos contatos), posto que a relação e interação social ainda são construídas com indivíduos e grupos populacionais/sociais ao mesmo tempo diferentes e semelhantes (excluídos) entre si; mas que sim, ela [migração] começa a fornecer os subsídios para esta ruptura.

Contudo, acredita-se que a migração, como dito, não conduza necessariamente a uma situação de vulnerabilidade relacional, uma vez que a quantidade de contatos será incrementada e diversificada tanto de acordo com a modalidade migratória em questão, quanto em relação ao tempo de residência do migrante na região; o que é mais plausível é que a vulnerabilidade relacional nasce da própria vulnerabilidade social em que indivíduos e grupos se encontram, onde suas características intrínsecas, sua falta de ativos e, assim, sua incapacidade de resposta perante os diversos e variados riscos condicionaram sua atual situação. Na verdade, suas redes sociais e, até certa medida a própria migração, podem ser formas de emancipação frente a esta condição.

4. Considerações Finais

O presente estudo ao observar um dos componentes da rede social, mais particularmente seu componente formal, ou seja, a forma como os contatos são mobilizados de acordo com o recurso em questão, apontou para formas distintas de apropriação da rede social de acordo com diversas características individuais (sexo, idade, estado civil, escolaridade, renda e condição migratória).

Ao passo que sugere que este distinto modo de se utilizar dos recursos provenientes tanto de laços fracos como fortes ao longo do tempo (tempo de residência do migrante na região: recentes e de longa data) e do espaço (modalidade migratória em questão:

¹⁹ É indiscutível que há, mas a intensidade é uma incógnita.

intrametropolitanos ou externos) remete a processos também distintos de formação, estruturação e composição da rede social do indivíduo e do grupo também ao longo do tempo e do espaço.

A migração pode ser entendida, portanto, como um momento de ruptura, que não carrega necessariamente em si somente aspectos negativos, mas, de forma conjugada, potencialidades inerentes a respeito das diversas oportunidades que podem vir a futuramente serem desfrutadas pelos migrantes independentemente de seus ônus imediatos.

Tanto assim o é, que os dados sugerem que segundo a modalidade migratória há, por certo, diversificação de contatos e recursos, assim como de acordo com o tempo de residência há um processo cada vez mais apreensível de coesão do grupo.

Dessa forma, para além da relevância da rede social no direcionamento do fluxo populacional e para além da sua importância no processo de integração do migrante à região, a migração possui impactos inequívocos sobre a estrutura da rede social do migrante na medida em que condiciona, também de forma inequívoca, a mobilização de seu componente formal.

Nesse sentido, a migração parece que se mostrou como possível solução ou, no mínimo, demonstrou possuir maior repercussão sobre a rede social de indivíduos migrantes, sozinhos – solteiros, separados ou viúdos –, mas especialmente entre os mais jovens, menos escolarizados e mais pobres.

Ou seja, indivíduos provavelmente e previamente excluídos, marginalizados, segregados e que possivelmente já se encontravam em uma situação de vulnerabilidade social. Para eles a migração foi de fato uma solução, uma vez que sua rede social foi também afetada. Os dados sugerem que foram eles aqueles cuja migração aumentou a possibilidade de contar com a ajuda tanto de parentes (laços fortes), garantindo ou propiciando a coesão do grupo por meio, por exemplo, de processos de recomposição familiar, mas, tão importante quanto este aspecto, a migração aumentou a possibilidade de se contar com a ajuda de amigos e vizinhos (laços fracos), diversificando os contatos, logo, sua rede social, logo, os possíveis recursos com os quais eles podem contar.

Em suma, a migração não conduziu indivíduos e grupos a uma condição de vulnerabilidade social, posto que já boa parte dos migrantes já se encontravam nesta condição, nem necessariamente relacional, já que está pode estar mais associada as

características que levaram o indivíduo a ser vulnerável socialmente do que por ele ter simplesmente migrado.

Este passivo, ou seja, esta vulnerabilidade relacional e social muitas vezes persiste ao longo do tempo e de modo independente da migração. É dizer, que a migração não atingirá a totalidade dos vulneráveis com a mesma intensidade e não será para o seu todo uma solução.

Nem por isso seus efeitos de diversificação de contatos não poderiam ser potencializados se aspectos macro estruturais fossem minimizados. Em outras palavras, se a segregação socioespacial e a desigualdade social fossem minimizadas, fato que garantiria, por exemplo, o convívio e as interações entre estratos e grupos populacionais totalmente diferentes entre si e, conseqüentemente, a transmissão de recursos de alguns, antes inatingíveis, para outros menos favorecidos.

5. Referências Bibliográficas

BOYD, M. Family and personal networks in international migration: recent developments and new agendas. **International Migration Review**, Staten Island, v.23, n.3, 1989.

CUNHA, J. M. P. Um sentido para a vulnerabilidade sociodemográfica nas metrópoles paulistas. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Campinas, v.21, n.2, jul./dez.2004.

FAZITO, D. A. R. Reflexões sobre os sistemas de migração internacional: **proposta para um análise estrutural dos mecanismos intermediários**. 2005. 204p. Tese (Doutorado em Demografia) — Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerias, Belo Horizonte.

FUSCO, W. Capital social e dinâmica migratória: um estudo sobre brasileiros nos Estados Unidos. **Textos NEPO**, 52, Campinas, NEPO/UNICAMP, 2007.

_____. Redes sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares. **Textos NEPO**, 40, Campinas, NEPO/UNICAMPO, 2002.

GRACIA, E.; HERRERO, J. Determinants of Social Integration in the Community: An Exploratory Analysis of Personal, Interpersonal and Situational Variables. **Jornal of Community & Applied Social Psychology**, v. 14, 2004,p. 1-15.

GRANOVETTER, M. S. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, Chicago, v.78, n.6, 1973.

_____. "Economic action and social structure: the problem of embeddedness." **American Journal of Sociology**, n.91, pp. 481-510, 1985.

LOZARES, C.; MOLINA, J. L. Cohesión, Vinculación e Integración sociales en el marco del Capital Social. **Revista hispana para el análisis de redes sociales**

(Revista electrónica), v. 4, n. 2, Junho.2011. Disponível em: < <http://revista-redes.rediris.es>>. Acessado: 05 de Janeiro de 2011.

MARTINE, G. Adaptação dos migrantes ou sobrevivência dos mais fortes? In: MOURA, H. (Org.). **Migração interna: textos selecionados**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A., 1980.

MASSEY, D. S. et al. **Worlds in motion: understanding international migration at the end of the millennium**. Oxford: Clarendon Press, 1998.

_____; GOLDRING, L.; DURANT, J. Continuities in transnational migration: an analysis of nineteen Mexican communities. **American Journal of Sociology**, Chicago, v.99, n.6, may/1994.

_____; _____. **Continuities in transnational migration: an analysis of thirteen Mexican communities**. Washington, 1992. (Paper apresentado no Workshop U.S. Immigration Research: an Assessment of Data Needs for Future Reserch, financiado por National Research Council).

_____. Social structure, household strategies, and the cumulative causation of migration. **Population Index**, Princeton, v.56, n.1, 1990.

_____ et al. **Return to aztlan**. Los Angeles: University of California Press, 1987.

ROCHA. S. Pobreza no Brasil: afinal de que se trata? 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: MOURA, H. (Org.). **Migração interna: textos selecionados**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A., 1980.

_____. Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo. In: _____. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Brasiliense, 1976.

SOARES, W. **Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga**. 2002. 344p. Tese (Doutorado em Demografia) — Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerias, Belo Horizonte.

VIGNOLLI, J. R. Vulnerabilidade sociodemográfica: antigos e novos riscos para a América Latina e o Caribe. In: CUNHA, J. M. P. (org.) **Novas Metrôpoles Paulistas: população, vulnerabilidade e segregação**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2006.